

Vozes e Caminhos: a articulação de saberes indígenas e o protagonismo feminino na Universidade¹.

Edilene Alves da Silva - Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Este trabalho discute a complexa articulação entre conhecimentos indígenas e as interações produzidas no ambiente acadêmico a partir das trajetórias de estudantes que ingressaram em cursos de graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) pelo Vestibular Indígena em 2019. Os resultados, obtidos por meio de pesquisa etnográfica e entrevistas semiestruturadas realizadas no âmbito da minha pesquisa de mestrado², com 32 estudantes indígenas de diferentes povos e áreas do conhecimento, evidenciaram diversas transformações em suas experiências universitárias, bem como os sentidos atribuídos por eles à sua trajetória acadêmica. A partir desse material, foram construídos 22 retratos sociológicos, compreendidos como narrativas etnográficas contextualizadas. Neste trabalho, apresenta-se o recorte de um retrato sociológico específico que analisa a trajetória de Melissa (nome fictício), mulher indígena oriunda da região Norte do Brasil. Sua experiência evidencia como os saberes e vivências de sua comunidade de origem, marcados por uma escolarização integrada à vida comunitária e pela coexistência de múltiplas línguas e espiritualidades, contrastam e dialogam com o regime de conhecimento universitário. Busca-se, assim, compreender os modos pelos quais estudantes indígenas produzem ressignificações, deslocamentos e novas formas de habitar a universidade, bem como as implicações sociais e políticas dessas experiências para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo.

Palavras-chave: Mulheres Indígenas; Permanência Universitária; Protagonismo Feminino.

Introdução

A ampliação do acesso ao ensino superior para grupos social e culturalmente menos favorecidos, impulsionada por políticas de ação afirmativa e programas específicos de ingresso, tem possibilitado a presença crescente de estudantes indígenas em espaços historicamente restritos às elites sociais brasileiras (Almeida et al. 2012; Amado, 2016;

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Ver mais em Silva (2024); Silva, Medaets (2025).

Amaral, 2010; Heringer, Carreira, 2024; Doebber, 2017; Goulart, 2014; Jodas, 2012; Paulino, 2008; Dal’bo, 2010, 2018; Russo & Diniz, 2015; Ventura Dos Santos, 2016). Entretanto, o acesso à universidade não elimina os desafios por eles enfrentados.

Ao ingressarem no ensino superior esses estudantes trazem consigo repertórios próprios construídos em seus contextos comunitários marcados por formas coletivas de aprendizagem, pela oralidade, e por outros modos de produção e circulação de saberes. No entanto, o encontro desses conhecimentos com aqueles presentes nas universidades nem sempre se estabelece de forma dialógica. Segundo Bergamaschi; Doebber; Brito (2018), ainda que “as experiências [de indígenas] vividas até então, têm mostrado que, teoricamente, valoriza-se a diversidade” (grifo meu, pág. 50), na prática, sua presença nesses espaços evidencia os limites dessa valorização.

Estudos sobre as trajetórias acadêmicas de indígenas, têm revelado um campo de tensões, negociações e ressignificações que extrapolam a simples adaptação individual (Ayres, Brando, Ayres, 2023; Carvalho, 2023; Heringer, 2024), indicando que a democratização do ensino superior não se esgota na ampliação do acesso, mas requer o enfrentamento e superação de desigualdades sócio-educacionais que atravessam de distintas formas seus percursos, seja na garantia de condições de permanência, seja no reconhecimento dos diferentes sujeitos e saberes que passam a integrar esses ambientes.

Partindo desse pressuposto, o que se propõe nesta escrita é uma análise do retrato sociológico de Melissa (nome fictício), uma jovem mulher indígena, oriunda da região Norte do Brasil, cuja narrativa nos oferece um cenário fértil para discussão de múltiplas realidades e desafios que atravessam os percursos de estudantes indígenas no ensino superior. Sua trajetória permite compreender que vivenciar a universidade não representa a substituição de saberes e experiências acumulados ao longo da vida, mas a possibilidade de articulá-los com novos conhecimentos, reajustando compromissos anteriormente constituídos, tanto no que diz respeito ao fortalecimento de sua comunidade de origem (coletivo) quanto à (re)construção e ao fortalecimento de si mesma e de sua identidade étnica.

Essa análise parte, portanto, da vontade de interpretar³ as complexidades que atravessam os percursos daqueles que transpõem fronteiras culturais (Barth, 1998) e geográficas para acessar o ensino superior, constituindo-se como “alunos deslocados”, no sentido proposto por Ziliotto (2025). E mais do que descrever os acontecimentos que compõem o percurso de Melissa, interessa-nos compreender os sentidos que ela atribui às

³ Nesse movimento, como afirma Lopes (2023), “interpretar significa descobrir camadas de sentido das práticas que anteriormente permaneciam ocultas porque inconscientes” (pág. 16).

experiências vividas na universidade e como elas são revisitadas quando passa a enfrentar novos desafios. E assim, evidenciar as formas de agência e protagonismo construídos por ela, apontando para a necessidade de uma universidade mais atenta à diversidade de trajetórias, pertencimentos e modos de existência.

Metodologia

Este trabalho adota os retratos sociológicos como estratégia teórico-metodológica frequentemente utilizada na Sociologia. Inspirado nas contribuições de Bernard Lahire (2002), esse recurso permite compreender os indivíduos em suas singularidades, sem perder de vista os contextos sociais que atravessam suas trajetórias. Segundo Lopes (2023):

Os retratos sociológicos têm a característica de suscitar narrativas autobiográficas que se estruturam pelas várias dimensões da existência, esferas da vida (crescentemente heterogêneas, em sociedades complexas e diferenciadas), mundos e papéis sociais, situações e molduras de interação (pág. 22).

Nesse sentido, ao reconstruir percursos de vida a partir de diferentes experiências de socialização, tal abordagem permite apreender como disposições, pertencimentos, valores e modos de agir são produzidos e reelaborados ao longo do tempo, motivo pelo qual, tem sido utilizada tanto em estudos sobre classes populares (Lopes; Louçã; Ferro, 2017), quanto em investigações voltadas às trajetórias de estudantes universitários (Costa; Lopes; Caetano, 2014; Lopes, 2023; Lopes, 2015; Veloso; Costa; Lopes, 2010), entendemos assim que essa escolha justifica-se pela possibilidade de aprofundar a singularidade da experiência de Melissa.

Nessa direção, mobilizamos a noção de *habitus* (Bourdieu, 2015), entendida como um sistema de disposições, no seu caso, moldado por sua origem indígena, pelo engajamento familiar e comunitário e por sua trajetória escolar e universitária. A análise também se debruça sobre os conceitos de etnicidade (Poutignat, 1998) e etnogênese, buscando compreender como sua identidade indígena é constantemente negociada e reconfigurada nas interações estabelecidas em diferentes espaços sociais (Bartolomé, 2008; Oliveira, 1999; Vaz, 2010). Busca-se, portanto, evidenciar a forma como Melissa percebe a si mesma enquanto “mulher indígena e muitas outras coisas” dentro de um processo identitário em permanente construção (Hall, 2006), bem como, compreender seu papel de liderança feminina, sua relação com a diversidade de conhecimentos e sua postura autocrítica diante dos próprios preconceitos.

Nesse sentido, o próximo item apresenta um resumo de seu retrato sociológico e em

seguida, desloca o foco para uma análise a partir de três temas que achamos pertinentes e que englobam: i) trajetória de escolarização e deslocamento; ii) família e engajamento político-comunitário; e iii) autorreconhecimento e protagonismo indígena. Apostamos que esses temas permitem compreender aspectos singulares de sua experiência, ao mesmo tempo em que lançam luz sobre questões mais amplas relacionadas à presença indígena no ensino superior.

Melissa: “Eu não sou apenas uma mulher indígena, eu sou uma mulher indígena e muitas outras coisas”

Melissa nasceu no Norte do Brasil, numa região também conhecida como Triângulo Tukano. Filha de pais engajados desde cedo no movimento em defesa dos povos indígenas, fala fluentemente sua língua materna e sempre teve vontade de ingressar no ensino superior, especialmente motivada pelo exemplo de seu pai, professor de matemática. Iniciou sua trajetória escolar em sua região de origem, onde teve contato com professores indígenas e estudou em uma escola que não se manifestava como um espaço separado da comunidade, mas efetivamente integrada a ela. Durante a adolescência, também sofreu influência da igreja católica, experiência que marcou diferentes aspectos de sua trajetória.

Posteriormente, deslocou-se para a capital do estado para cursar parte do ensino médio. Embora não tenha sentido uma diferença significativa em relação à sua comunidade de origem, estranhou a ausência tanto de professores indígenas quanto de questões mais específicas sobre os povos indígenas, às quais estava acostumada desde a infância escolar. Por conta de questões particulares, concluiu o último ano do ensino médio em outro estado, fora da região Norte. Foi nesse contexto que percebeu de forma mais intensa sua diferença enquanto indígena e, ao mesmo tempo, conheceu a diversidade de outros povos e movimentos. Distante de sua região de origem, aprofundou-se em questões mais abrangentes relacionadas à articulação entre ensino e vida cotidiana.

Atualmente, Melissa cursa o ensino superior. Suas vivências no espaço universitário têm sido bastante desafiadoras, seja na relação com seus pares, seja na interação com estudantes e professores não indígenas. Ao mesmo tempo, tem ampliado seus conhecimentos sobre diferentes temáticas e relembra constantemente os exemplos recebidos de seus pais ao longo da juventude. Em fase final da graduação, pretende dar continuidade à sua formação acadêmica e, quem sabe, ingressar no mestrado.

Análise do Retrato

i) Trajetória de escolarização e deslocamento

O percurso escolar de Melissa teve início em uma escola indígena localizada em sua comunidade de origem, onde, não encontrou tantas dificuldades nos estudos por ter sido sempre considerada uma “aluna dedicada”. Nos seus primeiros anos teve aulas em português, espanhol e em sua língua materna, o que segundo ela, faziam parte de um modelo “herdado das antigas missões religiosas”⁴, o “sistema dos padres” que circulavam por aquela região e que “ficou na cabeça deles [professores]” que ministram aula na escola que frequentava.

Ainda que marcadas pela valorização do ensino em português em detrimento da língua materna, tais experiências não são reduzidas por ela a uma dimensão apenas negativa. Ao rememorar seus anos escolares, afirma que “culturalmente foi muito legal porque eu me enriqueci bastante lá, por meio de ensino e pesquisa”. Seu relato sugere que, embora hoje reconheça as tensões presentes nesse modelo de escolarização, que naquele momento, ainda não eram objeto de reflexão para ela, Melissa não compreendia a escola como um espaço de substituição de seus referenciais culturais. Ao contrário, atribui à experiência escolar a possibilidade de acessar novos conhecimentos - “dizem que estão treinando a gente e foi bom, foi bom” -, e articulá-los aos saberes e intenções de futuro já constituídos ao longo de sua trajetória, colocando em diálogo conhecimentos indígenas e não indígenas.

Essa reflexão dialoga com autores como Baniwa (2006; 2011), Bergamaschi, Doebber e Brito (2018), Cohn (2005), Ressurreição e Sampaio (2015) Tassinari (2001), entre outros, que mostram que os povos indígenas estabelecem relações com a escola marcadas por tensões e negociações entre diferentes modos de produzir conhecimento. Um aspecto que ajuda a compreender essa dinâmica surge quando Melissa descreve o cotidiano da sua escola em sua comunidade de origem, marcado por uma relação de proximidade entre escola e comunidade. Quando relembra dessa experiência, comenta:

A escola não é separada da comunidade, então a gente faz tudo junto [inclusive] a avaliação. O que contribuía com aqueles alunos que tinham dificuldades em alguma matéria, ‘ah seu filho não tá legal nesta matéria’.

Ao descrever esse cotidiano, Melissa também destaca que os professores e o diretor eram indígenas. E embora não estabeleça explicitamente uma relação entre esses aspectos, seu relato sugere que a presença desses profissionais favorecia uma maior integração entre escola e comunidade. Nessa dinâmica, o percurso escolar não se restringia à sala de aula, mas era acompanhado coletivamente pelas famílias e pela comunidade, como nas situações em que se

⁴ Para mais ver Wright (2005).

comentava: “ah, seu filho não tá legal nesta matéria”, conforme relembra.

Já durante sua adolescência por ser uma boa aluna foi aceita em uma congregação católica e assim, se engajou na vida religiosa. Sentia que sair daquele lugar lhe traria uma experiência diferente e, como sua irmã mais velha já frequentava o mesmo grupo religioso, viu nesse exemplo uma oportunidade de também experimentar outros modos de viver, além de poder dar continuidade nos estudos. Sua experiência aproxima-se do que Mezié, Guilherme e Medaets (2021), fazem ao apresentar as reflexões de Pasquali (2014) sobre trajetórias de estudantes franceses, onde denominam os “aliados da ascensão” como importantes atores em suas experiências escolares e profissionais, contribuindo para a mobilidade social de indivíduos provenientes de classes vulnerabilizadas.

Ainda que formulada em outro contexto, essa noção contribui também para compreender como a igreja, no caso de Melissa, constituiu-se uma importante mediadora da ascensão, não apenas por favorecer a continuidade dos estudos, mas também por possibilitar o acesso a novas experiências e espaços de circulação. Segundo os autores, esses aliados ao conhecerem, em alguma medida, os códigos e os meandros desses espaços, “incitam ou facilitam as passagens de fronteiras” (Mezié; Guilherme; Medaets, 2021, p. 13).

ii) Família e engajamento político-comunitário

Diferentemente do tópico anterior, no qual a análise se concentrou nas mediações religiosas e em seus efeitos sobre as formas de percepção e elaboração de si, no papel dos chamados aliados da ascensão, agora iremos discorrer sobre os processos de socialização política e comunitária que também fizeram parte da trajetória de Melissa. A partir de seus relatos percebemos que a aproximação com os movimentos político e comunitário não aparece como algo posterior ou externo à sua trajetória, mas como algo já presente desde o ambiente familiar. Essa dimensão pode ser observada nas memórias que ela constrói sobre a atuação de seu pai em movimentos militantes, antes mesmo da demarcação das terras indígenas na sua região. Ao recuperar essa narrativa, Melissa destaca a presença constante desse engajamento no cotidiano familiar:

Eu lembro que eu era muito pequeninha, talvez eu nem tivesse idade pra me lembrar, mas eu sei que eles [pais] conversavam bastante. ‘Onde foi meu pai?’, minha mãe falava: ‘ele foi pra Brasília. Tem questões que eles têm que resolver’. Então essa ausência agora eu entendo - porque tinha pautas muito mais urgentes.

As contribuições de Lahire (2002; 2004) ajudam a compreender que os processos de socialização não ocorrem de forma linear ou uniforme, mas se constroem a partir de

diferentes experiências que vão sendo incorporadas ao longo da vida e reinterpretadas conforme novas situações surgem. No caso de Melissa, isso aparece quando ela revisita sua infância e as memórias relacionadas à atuação política de seu pai. Ela mesma reconhece que, sendo “muito pequeninha”, talvez não tivesse idade para compreender plenamente o que acontecia naquele período, onde a ausência do pai era vivida apenas como um afastamento, interpretação que seria posteriormente ressignificada à medida que passou a compreender sua atuação política.

É a partir desse repertório que sua participação em um grupo de jovens, por exemplo, pode ser compreendida como continuidade e ampliação dessas experiências iniciais. Nesse contexto, passa a ter contato com debates sobre movimentos sociais, direitos indígenas e questões que atravessam a juventude em sua região. Ali, reflete ainda sobre a importância das associações indígenas como formas de organização e reivindicação coletiva, especialmente diante de problemáticas como alcoolismo, suicídio e exploração sexual, como ela própria sintetiza: “eu trabalhava muito com os jovens, com a formação humana e projetos de vida”. Foi nesse mesmo processo que teve acesso, ainda que de maneira inicial, a reflexões sobre sexualidade e outras dimensões da vida juvenil, ampliando seu repertório de experiências e compreensão sobre essas questões.

Embora não consiga identificar de forma precisa os motivos de sua participação nesses espaços, ela mesma associa seu envolvimento às experiências familiares, sobretudo aos exemplos de seus pais, que sempre estiveram vinculados a processos de resistência e organização política indígena, como vimos. Nesse sentido, sua participação no grupo de jovens não se apresenta como algo isolado, mas como parte de um conjunto maior de socializações que não se substituem, mas se complementam. Família e grupo de jovens, nesse caso, aparecem como instâncias que, em conjunto, oferecem referências, valores e experiências que vão sendo incorporadas e ressignificadas ao longo do tempo, contribuindo para sua circulação em outros espaços sociais e militantes.

iii) Autorreconhecimento e protagonismo indígena.

Neste item, a análise incide sobre o autorreconhecimento de Melissa e sobre a construção de seu protagonismo enquanto mulher indígena. Trata-se de compreender como as diferentes experiências vividas ao longo de sua trajetória ampliam suas referências sociais e políticas, contribuindo para a forma como passa a perceber a si mesma e a se posicionar diante das relações que atravessam sua vida. Nessa perspectiva, sua percepção de si não aparece como algo dado, mas como resultado de um processo construído ao longo do tempo.

Como sugere Lopes (2023), essa percepção pode ser compreendida como fruto de um trabalho prático e contínuo, no qual as experiências são incorporadas, interpretadas e reorganizadas, contribuindo para a constituição de uma identidade que não é fixa, mas permanentemente elaborada. É nesse movimento que o papel das mulheres de sua família ganha centralidade em sua narrativa. Ao rememorar sua trajetória, Melissa destaca a influência de sua mãe, de suas tias e de sua avó como referências de força, resistência e protagonismo feminino em sua comunidade:

A minha mãe é uma liderança muito forte na comunidade, ela sempre participou da Associação das Mulheres de Cerâmica. Ela que ensinou, junto com minhas tias e minha avó, a motivar o protagonismo das mulheres. Minha mãe nunca baixou a guarda, sabe, então acho que eu tenho um pouco disso dela.

Essas referências não aparecem apenas como discursos, mas como experiências vividas no cotidiano e incorporadas à sua maneira de compreender o mundo. Assim como a atuação política de seu pai, as trajetórias de sua mãe, de sua avó e de suas tias tornam-se importantes referências para a construção de sua própria trajetória, contribuindo para a forma como Melissa passa a compreender seu lugar enquanto mulher indígena, tanto em sua comunidade quanto na universidade.

Esse processo também se articula ao fortalecimento de seu pertencimento indígena. O contato com outras realidades, especialmente durante o período em que realizou parte do ensino médio fora de sua região de origem, favorecido por sua participação na congregação religiosa, amplia sua percepção sobre a diversidade dos povos indígenas no Brasil. Como afirma, “foi daí que eu comecei a me perceber que eu era diferente e que tinha outras realidades, e que o Brasil era grande, diverso”. Ao mesmo tempo, sua permanência na congregação passa a ser atravessada por tensões. Embora reconheça os aprendizados adquiridos nesse espaço, Melissa começa a questionar as formas como sua identidade indígena era representada. Ao ser associada a imagens estereotipadas e a performances voltadas ao olhar externo, sente-se limitada, o que contribui para sua decisão de deixar a congregação. Sobre esse processo, afirma: “eu não gosto quando falam isso, me limitam, cortam minhas asas. Eu me sinto totalmente podada”. Em sua compreensão, sua identidade não pode ser dissociada das práticas e espiritualidades de seu contexto de origem: “a gente vive de benzimentos, de rituais... se o espaço que eu estou entrando não acolhe tudo isso que eu tenho comigo, então esse lugar não me pertence”.

Os deslocamentos vividos ao longo de sua trajetória e as tensões experimentadas nesses diferentes contextos contribuem para que Melissa passe a afirmar sua identidade de

maneira cada vez mais consciente. Sua experiência aproxima-se das discussões sobre etnicidade propostas por Barth (1998), para quem a identidade étnica não se define exclusivamente pela origem, mas é continuamente produzida e reafirmada nas relações entre grupos e nas fronteiras construídas nas interações sociais. Em diálogo com essa perspectiva, Carneiro da Cunha (2009) ressalta que as identidades étnicas são historicamente produzidas e permanentemente atualizadas conforme os diferentes contextos de interação.

Sob essa perspectiva, o contato com outros povos indígenas e com distintas formas de representação da identidade contribui para que Melissa amplie o significado de ser indígena para além das referências exclusivamente comunitárias. Ao mesmo tempo, sua recusa às representações estereotipadas evidencia um movimento de afirmação identitária, por meio do qual reivindica o direito de ser reconhecida em sua complexidade, sem ser reduzida a imagens fixas ou expectativas externas.

Considerações finais

A trajetória de Melissa permite compreender que o ingresso e a permanência de estudantes indígenas no ensino superior não podem ser reduzidos ao acesso a uma instituição ou à aquisição de novos conhecimentos. Seu percurso evidencia que a sua continuidade nos estudos foi sendo construída pela articulação entre diferentes experiências vividas e pela circulação em distintos espaços ao longo de sua formação escolar e humana. A escolarização em sua comunidade de origem, os deslocamentos para outros contextos educacionais e a inserção no espaço religioso ampliaram, cada qual à sua maneira, seus horizontes sociais e educacionais. Mais do que uma sucessão de etapas, sua trajetória revela a incorporação gradual de novos conhecimentos, referências e possibilidades que contribuíram para sua chegada à universidade.

Entretanto, sob a perspectiva da atuação dos chamados aliados da ascensão não explica, por si só, os rumos desse percurso. A possibilidade oferecida pela igreja ganhou sentido porque encontrou uma jovem que já refletia sobre sua própria experiência e questionava determinados lugares socialmente atribuídos às mulheres. O desconforto diante da forma como suas tias eram tratadas e da reprodução dessas relações no contexto familiar contribuiu para que buscasse outras formas de viver e de construir sua própria trajetória. Assim, as oportunidades encontradas ao longo do caminho não atuaram de maneira isolada, mas se articularam às experiências já acumuladas, às redes de apoio e às iniciativas da própria Melissa, reafirmando que a continuidade dos estudos resulta da combinação entre

oportunidades objetivas e a capacidade dos sujeitos de atribuírem novos sentidos às experiências vividas.

A análise também mostrou que a universidade não inaugura esse processo, mas passa a integrar um percurso iniciado muito antes de seu ingresso no ensino superior. Os conhecimentos acadêmicos somam-se aos aprendizados construídos na família, na comunidade, na escola e na igreja, ampliando repertórios que já orientavam sua atuação política e seu compromisso com causas coletivas. Ao mesmo tempo, os deslocamentos vividos, o contato com outros povos indígenas e as tensões experimentadas em diferentes espaços favoreceram novas formas de compreender a si mesma, fortalecendo seu protagonismo enquanto mulher indígena e reafirmando seu pertencimento étnico.

Longe de se constituir como um percurso linear ou isento de conflitos, sua trajetória evidencia que é justamente nas experiências de deslocamento, nas situações de estereotipação e no encontro entre diferentes modos de produzir conhecimento que novas compreensões sobre si vão sendo construídas. Nesse processo, Melissa reelabora experiências anteriores, amplia seu repertório de ação e fortalece formas de atuação que articulam saberes indígenas e acadêmicos, sem que um substitua o outro.

Ao privilegiar o retrato sociológico de uma estudante indígena, este trabalho buscou contribuir para as discussões sobre acesso e permanência no ensino superior a partir da singularidade de uma trajetória. Mais do que uma representação de uma experiência individual, nos interessa aqui reafirmar a importância de reconhecer estudantes indígenas como sujeitos que produzem conhecimentos, reelaboram continuamente suas experiências e constroem formas próprias de protagonismo dentro e para além dos muros da universidade, contribuindo, ao mesmo tempo, para o fortalecimento de suas comunidades e para a transformação da própria instituição universitária.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leandro; MARINHO-ARAÚJO, Claisy M.; AMARAL, Alberto; DIAS, Diana. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior - Campinas, vol. 17, n. 3, p. 899-920. nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772012000300014>; Acesso em: 09 de junho de 2026.

AMADO, Simone Eloy. O ensino superior para os povos indígenas de Mato Grosso do Sul. **Zona de impacto**, v. 2, n. 18, p. 6-20, jul./dez. 2016.

AMARAL, Wagner Roberto do. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2010.

AYRES, Ariadne D.; BRANDO, Fernanda R.; AYRES, Olavo M. Presença indígena na universidade como retomada de território. **Revista Brasileira de Educação**. v. 28. e280060. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280060>

BANIWA, Gersem. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real**. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Brasília: Universidade de Brasília, UnB. 2011.

BANIWA, Gersem. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. 233 p. (Coleção Educação para Todos, Série Vias dos Saberes, n. 1).

BARTOLOMÉ, M. A.. (2006). **As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político**. Mana, 12 (Mana, 2006 12(1)), 39–68. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000100002>. Acesso em 09 de junho de 2026.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Strieff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes - São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998. - Biblioteca básica). pág. 187-201.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DOEBBER, Michele Barcelos; BRITO, Patrícia Oliveira. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 99, n. 251. maio. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3337> Acesso em 09 de junho 2026.

BOURDIEU, Pierre. Sociologie générale: cours au Collège de France (1981-1983). v. 1. **Paris: Seuil**, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

CARVALHO, José J. de. Universidade aberta a novos saberes, sujeitos e epistemologias: um modelo para a refundação das universidades brasileiras. São Paulo: **Ciência e Cultura**. vol. 75, n. 1. jan./mar. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20230002>

COHN, Clarice. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 485-515, jan. 2005.

COSTA, António Firmino da; LOPES, João Teixeira; CAETANO, Ana. **Percursos de Estudantes no Ensino Superior**. Lisboa: Mundos Sociais, 2014.

CUNHA, Maria M. L. Carneiro da. **Cultura com aspas**: e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify. 2009.

DAL'BO, Talita. **Construindo pontes**: o ingresso de estudantes indígenas na UFSCar, uma discussão sobre “cultura” e “conhecimento tradicional”. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de São Carlos, 2010.

DOEBBER, Michele Barcelos. **Indígenas estudantes nas graduações da UFRGS**: movimentos de re-existência. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

GOULART, Ana Caroline. **Experimental, contestar e refazer-se**: caminhos de sonhos e enfrentamentos percorridos por acadêmicos kaingang e guarani na Universidade Estadual de Londrina-PR. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Paraná, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERINGER, Rosana, & CARREIRA, Denise. (2024). **Balanço do PNE (2014-2024)**: As políticas de ação afirmativa na educação superior. Estudos em Avaliação Educacional, 35, Artigo e10593. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae.v35.10593>. Acesso em 09 de junho de 2026.

HERINGER, Rosana. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 19, n. 1. Florianópolis, jan/jun. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.18222/eae.v35.10593>. Acesso em 09 de junho de 2026.

JODAS, Juliana. **Entre diversidade e diferença**: o programa de Ações Afirmativas da UFSCar e as vivências dos estudantes indígenas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, 2012.

LAHIRE, Bernard. **Portraits Sociologiques**. Dispositions et variations individuelles. Paris: Nathan, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares**. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 2004.

LOPES, João Teixeira. **Elas** - Percursos inesperados de jovens mulheres das classes populares. Porto. Tinta da China. 2023.

LOPES, João Teixeira. **A universidade e os seus estudantes: um olhar de dentro**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

LOPES, João Teixeira; LOUÇÃ, Francisco; FERRO, Lígia. **As Classes Populares: a produção e a reprodução da desigualdade em Portugal**. Lisboa: Bertrand Editora, 2017.

MEZIÉ, Nadège; GUILHERME, Alexandre A.; MEDAETS, Chantal. Democratização escolar e a mobilidade social na França: a Sociologia empírica de Beaud, Truong e Pasquali. **Práxis Educativa**. [S. l.], v. 16, p. 1–27, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.16202.001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16202>. Acesso em 09 de junho de 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

PASQUALI, P. **Passer les frontières sociales**. Comment les “filières d’élite” entrouvrent leurs portes. Paris: Fayard, 2014.

PAULINO, M. M. **Povos indígenas e ações afirmativas: o caso do Paraná**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

RESSURREIÇÃO, Sueli Barros; SAMPAIO, Sonia M. Rocha. Jovens indígenas nas universidades brasileiras: alguns aspectos históricos e interculturais. **Revista brasileira de História da Educação**, Maringá - PR, v. 15, n. 3(39), pág. 109-139, set/dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v15i3.631> Acesso em 13 de junho 2026.

RUSSO, Kelly e DINIZ, Edson. Ação afirmativa e direito à educação: desafios de acesso e permanência de estudantes indígenas no estado do Rio de Janeiro. **Educação, Cultura & Comunicação**, v. 7, n. 1, p. 46-65, 2015.

TASSINARI, Antonella M. Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras da educação. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.) **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001, p. 103-120.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **A Emergência étnica dos povos indígenas do baixo Rio Tapajós, Amazônia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia - Salvador, 2010.

VELOSO, Hernâni; COSTA, António Firmino da; LOPES, João Teixeira. Factores, Representações e Práticas Institucionais de promoção do Sucesso Escolar no Ensino Superior. Porto: **Editora da Universidade do Porto**, 2010.

VENTURA DOS SANTOS, Augusto. **Políticas Afirmativas no Ensino Superior: estudo etnográfico de experiências indígenas em universidades do Mato Grosso do Sul (Terena e**

Kaiowá-Guarani). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2016.

WRIGHT, Robin M. **História Indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Instituto Socioambiental - ISA, 2005.

ZILIOTTO, Denise Macedo. As políticas de acesso à educação superior e o contexto dos alunos deslocados. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, e93036, 2025.